REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

PESQUISA PANDÊMICA: ELABORANDO CONTÁGIOS POÉTICOS PARA CORPOS DOCENTES, NO CIBERESPAÇO

Marlise do Rosário Machado[1]
Eduardo Guedes Pacheco[2]
Mariana Silva da Silva[3]

Resumo: Este artigo fala do processo de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, que visa propor práticas chamadas de Contágios Poéticos, a docentes da Educação Básica, através do ciberespaço. Inicialmente busca contextualizar aspectos referentes ao teletrabalho, e suas possíveis conexões com a docência pandêmica, relacionando à questões de gênero e divisão sexual do trabalho, a partir do quadro de feminização do magistério, em interlocução com considerações acerca do corpo, imagem e culturas visuais. Embasa-se nas autoras Claudia Vianna, Paula Sibilia, Judith Butler, Silvia Federici e nos autores Pierre Lévy e W. J. T. Mitchell.

Palavras-chave: Educação Básica; Cultura Visual; Poéticas Pandêmicas.

PANDEMIC RESEARCH: DEVELOPING POETIC CONTAGIONS FOR TEACHING BODIES IN CYBERSPACE

Abstract: This article talks about the research process under development in the Professional Master's in Education, from the Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, which aims to propose practices called Poetic Contagions, to teachers of Basic Education, through cyberspace.Initially, it seeks to contextualize aspects related to telework, and its possible connections with pandemic teaching, linkeding to issues of gender and sexual division of labor, from the framework of the feminization of the teaching profession, in interlocution with considerations about the body, image and visual cultures. It is based on the authors Claudia Vianna, Paula Sibilia, Judith Butler, Silvia Federici, Pierre Lévy and W. J. T. Mitchell.

Keywords: Basic Education; Visual Culture; Pandemic Poetics.

---

[1] Mestranda no PPGED- Mestrado Profissional (UERGS). Graduada em Teatro: Licenciatura (UERGS). Idealizadora do Território Tremulum e do projeto Cuidado Mulheres Trabalhando. Integrante do grupo de pesquisa FLUME Arte e Educação (UERGS).

[2] Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), na qual atua nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Presidente do Núcleo Estruturante Docente do curso de Música - Licenciatura da UERGS. É coordenador dos grupos de Pesquisa ARTDIFE - Arte, Diferença e Educação, e do ZIP - Zona de Investigação Poética, grupo de pesquisa interinstitucional com a UFRGS.

[3] Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Doutora em Artes Visuais, Ênfase Poéticas Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Artes Visuais e Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participa de exposições de artes visuais no Brasil e no exterior desde 2001, é professora universitária desde 2005. Investiga as conexões entre arte, cotidiano e natureza a partir do infraordinário, especialmente no contexto da natureza fluvial dos rios Caí e Guaíba.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; DA SILVA, Mariana Silva. Pesquisa pandêmica: elaborando contágios poéticos para corpos docentes, no ciberespaço. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-14, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Do começo: *#PesquisaPandêmica*

Este artigo desdobra-se do processo de pesquisa em curso, no Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, na qual busca-se configurar a proposição de ações voltadas a docentes da Educação Básica, através de plataformas disponíveis no ciberespaço, como *Youtube*, *Google-meet e Instagram.* As ações chamadas de Contágios Poéticos, visam instigar possibilidades de elaboração artística, que tenham como impulso, às situações vivenciadas no cotidiano pandêmico de teletrabalho das/os educadoras/es, para produção de registros visuais, que possam ser compartilhados nas redes sociais. Contudo, falar sobre a composição do processo atual, que busca em algumas dinâmicas do ciberespaço, substrato para a invenção de possíveis metodologias de trabalho – em conexão com diferentes olhares e percepções da docência em tempos de *Sars Covid-19–,* também implica partilhar, aspectos referentes ao próprio percurso do ato movente, de estruturar um projeto de pesquisa, neste contexto.

Sendo assim, para além de trazer a proposta em desenvolvimento, que aqui apresenta-se enquanto “Contágios Poéticos para corpos docentes, no ciberespaço”, nos desdobramos há tempos não tão distantes, de encontros e presenças físicas, que partilhando salas de aulas, bares, teatros e galerias, nos permitia inicialmente, pensar na realização de processos direcionados a profissionais da educação, de forma presencial, em uma escola pública. Neste cenário, se buscaria através de exercícios ligados ao teatro e as artes visuais, compor gestos – performances, instalações, dentre outras intervenções – que convidassem à práticas poético-problematizadoras, tendo como foco o espaço e os corpos imersos no cotidiano escolar, a partir das diferentes percepções de trabalhadoras e trabalhadores, inseridos nesta conjuntura.

No entanto, com a chegada da pandemia e as medidas de distanciamento social, propostas pela *Organização Mundial de Saúde - OMS*, tanto o ambiente escolar, quanto suas/seus ocupantes sofreram um processo de virtualização, que

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; DA SILVA, Mariana Silva. Pesquisa pandêmica: elaborando contágios poéticos para corpos docentes, no ciberespaço. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-14, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

desterritorializando os locais de ensino, os fragmentou em múltiplos lugares simultâneos, sob a tutela de uma *hashtag* comum e ao mesmo tempo, potencialmente desigual: a *#FicaemCasa*. Em meio a *hashtags*, curvas de contágio, incertezas e deslocamentos, coube aos docentes, a adaptação e transformação do espaço privado de seus lares, em seus locais públicos de trabalho. Para Pierre Lévy:

> [...]o teletrabalhador transforma seu espaço privado em espaço público e vice-versa. Embora o inverso seja geralmente mais verdadeiro, ele consegue às vezes gerir segundo critérios puramente pessoais uma temporalidade pública. Os limites não são mais dados. Os lugares e tempos se misturam. As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições. São as próprias noções de privado e de público que são questionadas. (LÉVY, 2011, p. 24-25).

Tendo, nas palavras de Lévy, o ponto de partida para nossas considerações, intencionamos seu desdobramento, ao questionar quais seriam as demais implicações presentes nesta transposição espacial: da sala de aula para a sala de casa, sob o ponto de vista das professoras e professores? Somando a esta interrogação, trazemos a concepção proposta e problematizada pela pesquisadora Claudia Vianna (2013), acerca do "quadro de feminização do magistério na Educação Básica", indagando a partir deste: que rebatimentos os *borramentos* entre as fronteiras públicas e privadas, poderiam provocar no cotidiano de teletrabalho das/os docentes, quando interseccionadas, também por questões de gênero e divisão sexual do trabalho?

Uma vez traçadas estas questões, que integram parte dos principais contágios conceituais, que nos movem, como poderíamos propor sua abordagem? Seriam estes, temas profícuos do ponto de vista das/os docentes, no momento atual? Que outros temas ou percepções se sentem impelidos a partilhar? De que forma tais percepções poderiam configurar a produção de registros visuais, para tecelagem de contágios poéticos em rede? Ou ainda, de que maneira poderíamos compor práticas remotas, que partindo de exercícios de teatro e artes visuais, buscassem instigar aspectos potencializados pelo teletrabalho, levando em

consideração, suas múltiplas camadas, em conformidade com a diversidade de demandas dos corpos docentes? Por fim, como planejar ações totalmente virtuais, direcionadas a profissionais da Educação Básica, que já encontram-se amplamente ocupadas/os, sem que isso represente apenas um cansaço a mais?

Estas e muitas outras questões passaram a contaminar nossas perspectivas de pesquisa, e mesmo as considerando bastante amplas, tencioná-las não propõe a elaboração de respostas fixas, mas o direcionamento de algumas ações, que as mostrem/vejam como impulso criador.

Do lugar: Corpos conectados e em deslocamento no *#Ciberespaço*

O autor Pierre Lévy, traça possíveis respostas para a pergunta que dá título a um de seus livros, *O que é o Virtual?* (2011), constituindo alguns entendimentos acerca das dinâmicas telemáticas, que se desenvolvem através do ciberespaço – espécie de lugar não constrito, desterritorializado – no qual, as unidades de tempo e espaço, escapam de suas noções clássicas, uma vez que para estarmos juntos, não é preciso que estejamos geolocalizados (presentes em um mesmo local fisicamente) mas interconectados e sincronizados, a partir das plataformas virtuais.

Desdobrando-nos destas considerações sobre a sincronização e interconexão, encontramos em Paula Sibilia algumas questões acerca da presença e dos corpos, que ligados virtualmente, compartilham estas relações *outras* de tempo e espaço, se configurando como telepresenças ou presenças virtuais, *organismo ubíquo, portanto desligado da própria materialidade, conectado e estendido pelas redes informáticas* (2015, p. 60). Este corpo estendido, pela presença virtual a múltiplos espaços, experimenta também algumas tensões resultantes deste processo: uma hiperconexão, que é atravessada pela ausência de tempo útil, ou incapacidade, de dar conta de forma profícua de todas as demandas que estas relações exigem, uma espécie de endividamento, na qual:

> [...]abunda a sensação de que o tempo é sempre insuficiente e escoa depressa demais [...] que estamos atrasados e com várias dívidas simultâneas plasmadas em coisas pendentes [...]uma suposta liberdade de opção em todos os planos, sempre decalcada nos moldes do mercado; além disso, acredita-se que, nesse turbilhão de possibilidades múltiplas, ninguém deveria perder nada. O problema é que, ao "sofrer por superfluidez", nada é filtrado e pouco se assenta na própria experiência; em consequência disso, acabamos perdendo tudo [...] a lógica da sociedade de controle em que vivemos funciona a curto prazo e é de rotação rápida [...] mas ao mesmo tempo é contínua e ilimitada. (SIBILIA, 2012, p.204).

Somadas a estas questões, a autora também elabora outras perspectivas que situam o corpo em moldes descarnados bidimensionais, referindo-se às pressões estéticas, presentes nas plataformas virtuais:

> Esse modelo digitalizado – e, sobretudo digitalizante, hoje extrapola as telas para impregnar os corpos e as subjetividades, pois as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne virtualizada. (SIBILIA, 2004, p.75).

Ao corroborar com Sibilia, damos ênfase à noção de que os *corpos digitalizados* em questão, são genderizados e racializados, e que estes marcadores, também constituem as lógicas estruturantes das relações e visualidades compartilhadas em rede. Os filtros do *Instagram*, por exemplo, tendem a padronizar as imagens, a partir de um modelo hegemônico de beleza, eurocentrada. Pensar a partir destes pontos, contribui para que tracemos alguns contornos teóricos, que nos auxiliem a compreender e problematizar as dinâmicas já estabelecidas, no ciberespaço, nas quais estamos imersas/os, a partir de alguns enquadramentos e processos de subjetivação, anteriores as próprias redes, mas amplamente difundidos por elas:

> Os enquadramentos que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vida através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do

> sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. (BUTLER, 2015, p.17-18).

Neste contexto, ao fazer uso das redes para a composição dos processos de pesquisa em Educação, também consideramos o quanto estas questões vêm afetando cotidianamente, nossas ações, sem que necessariamente consigamos nos dar conta e apreender todas as camadas e complexidades que estas *ciber relações*, têm potencializado. Ao mesmo tempo, nos instiga a criar possíveis procedimentos que assumam estas questões como parte integrante e indissociável da pesquisa: uma investigação movendo-se em contexto pandêmico, pelas terras oscilantes do ciberespaço, ao encontro de corpos docentes, a fim de produzir contágios que sejam agenciados por suas/seus participantes. Ou apenas, uma pesquisa que traz consigo suas próprias contaminações teórico-prático-poéticas, mas que pretende-se aberta aos contágios imprevisíveis, que só os encontros virtuais, poderão conceber.

Da feminização do Magistério às Pandemias do Cuidado: #CuidadoMulheresTrabalhando

É a partir das décadas de 1990 e 2000 que inicia-se aos poucos no Brasil, segundo Claudia Vianna, a abordagem do conceito de gênero, como substrato de análise e problematização, do que até então afirmava-se enquanto um *consenso* e *constatação da enorme presença feminina no magistério, nos debates educacionais (2001, p.81).* Buscando conhecer as perspectivas históricas deste processo, Vianna constatou que foi ao longo do século XX, que se intensificou no Brasil, o quadro de feminização da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio – que seguimos identificando ainda hoje, no século XXI.

Cabe ressaltar, que parte do que se observa, neste fenômeno, é fruto de processos históricos, que condicionando identidades binárias e biologizantes para corpos, conjugaram narrativas em torno das mulheres enquanto cuidadoras natas,

cisgêneras e reprodutivas. Fixando assim, as performatividades esperadas para as identidades masculinas e femininas, que, se analisadas sob o prisma dos enquadramentos propostos por Butler (2015), servem a manutenção da norma e apagamento da diversidade de corpos: etnias/raça, orientação sexual e identidades de gênero, na mesma medida em que lhes impõem determinadas atribuições.

Dentre estas atribuições, encontram-se as sugeridas pela pesquisadora ítalo-americana, Silvia Federici (2019), nominadas como divisão sexual do trabalho – as sinalizando, a partir das esferas de trabalhos produtivos (remunerados); e reprodutivos: domésticos e de cuidado (em sua maioria, não remunerados e/ou mal remunerados). Da mesma autora, o livro *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), propõe algumas perspectivas feministas, que segundo a mesma, escapam as falas de Marx, quando se refere ao processo de acumulação primitiva, desconsiderando o trabalho reprodutivo e de cuidado, deste contexto. Assim como enfatiza que Foucault – ao situar questões acerca do disciplinamento dos corpos, como parte de práticas de poderes e saberes, no avanço da sociedade de controle e desenvolvimento do capitalismo – não chegou a estabelecer perspectivas interseccionais, que olhassem mais especificamente para os corpos das mulheres. Federici então, nos ajuda a redimensionar as noções de público e privado, sob o prisma de *trabalhos ocultos* – amplamente compartilhados e naturalizados, como atribuições próprias do "feminino[4]":

> Se começarmos olhando para nós mesmas, que como mulheres, sabemos que o dia de trabalho para o capital não necessariamente resulta em pagamento, que não começa e termina nos portões das fábricas, acabaremos redescobrindo a natureza e o escopo do próprio trabalho doméstico (...) O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo

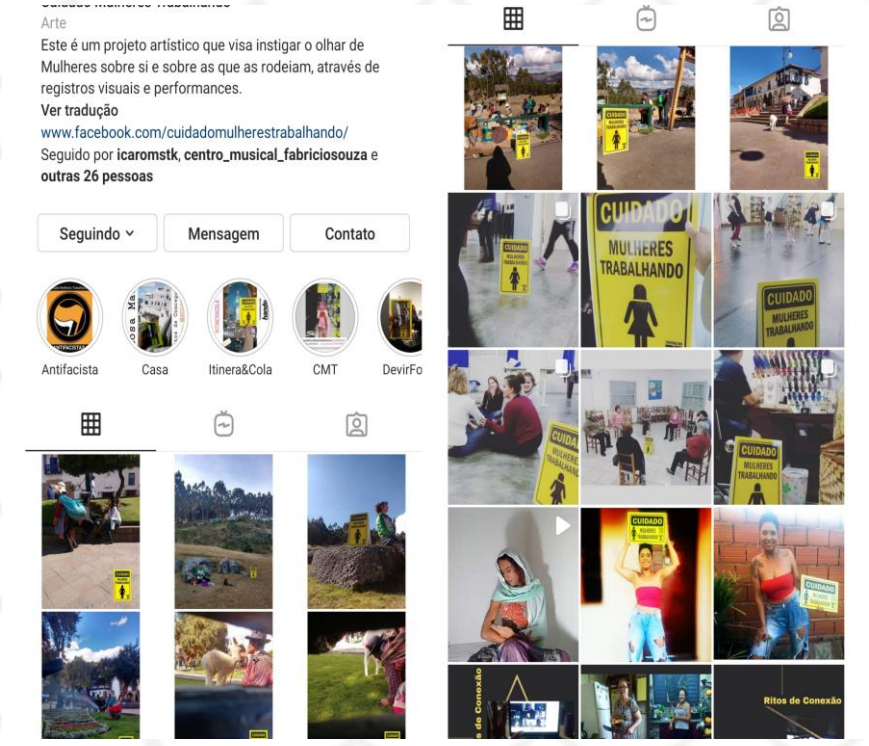
[4] A palavra "feminino" encontra-se entre aspas, como parte do tensionamento dos conceitos usualmente a ela atribuídos, visto que a mesma, tende a remeter a performatividades fixas, que desconsideram a diversidade de mulheres, que a partir dela e/ou com ela se identificam.

> capitalismo [...] em todos os países o nosso trabalho não assalariado e a função que realizamos para o capital são os mesmos. Conseguir um segundo emprego, nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos. (FEDERICI, 2019, p. 68-69).

Partilhar estes entendimentos, que nos possibilitem traçar tais perspectivas, as relacionando ao quadro de feminização da Educação Básica, em contexto de teletrabalho pandêmico, nos levam também ao desdobramento desta trama, que fomos tecendo ao longo de nossas elaborações conceituais, enquanto "Pandemia do Cuidado" – uma espécie de epidemia massiva, amplamente disseminada a corpos identificados como "femininos", cujo os sintomas cotidianos invisibilizados, embora convergindo a partir de alguns pontos, como os aqui mencionados, também se expandem em outras direções, amplamente variadas. Enfatizamos contudo, que – ao potencializar estas noções poeticamente problematizadas, para criação dos possíveis contornos de uma "Pandemia do Cuidado"–, não desconsideramos os efeitos que essa trama pode produzir nas identidades masculinas, visto que as mesmas também acabam por enquadrar-se em moldes performativos fixos, com suas pressões correspondentes. Mas, convidamos à possíveis reflexões que estendendo-se de nosso emaranhado conceitual, proponham linhas, nós e fios, para uma tecedura coletiva, que leve em consideração, alguns argumentos, exaustivamente vestidos por determinados corpos.

A partir desta via, de tecelagens colaborativas, compartimos outra investigação em curso, o projeto artístico *Cuidado Mulheres Trabalhando – CMT*. Idealizado em 2018 por Marlise do Rosário Machado, este, propõe abordagens que convergem em alguns pontos, com a pesquisa atual, contagiando tanto perspectivas teóricas, quanto possíveis práticas para a realização dos registros visuais em rede. Tendo como base, instigar os olhares de mulheres sobre si e sobre as que as rodeiam, o *CMT*, visa compartilhar e conectar visualidades agenciadas e produzidas por mulheres a partir de seus modos cotidianos de ser/estar/agir no mundo, corroborando com a criação de culturas visuais no ciberespaço, ao tomar as

plataformas virtuais, como seu principal suporte expositivo. Tendo como estratégia, o uso de perfis no *Facebook* e *Instagram*, além de *hashtags*, para a sincronização de suas propostas, o projeto foi configurando uma espécie de espaço *comum,* "lugar desterritorializado de encontros", no qual reúnem-se, diferentes olhares disparados pela possibilidade poética de relação, estabelecendo algumas culturas visuais, a partir da postagem destes registros, nas redes. Postagens como as demonstradas, nas Figuras 1 e 2, que sendo tecidas de forma colaborativa, organizam-se a partir do território conceitual proposto, em seus canais de comunicação virtuais:



.Figura 1- Capturas de tela da ação Ritos de Aproximação, 2020.Fonte: *Instagram* do projeto Cuidado Mulheres Trabalhando.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; DA SILVA, Mariana Silva. Pesquisa pandêmica: elaborando contágios poéticos para corpos docentes, no ciberespaço. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-14, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

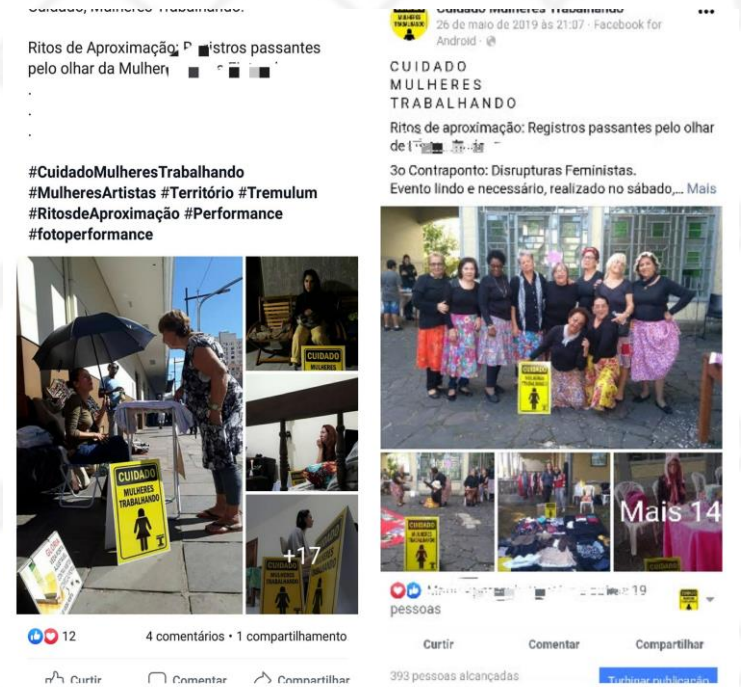


Figura 2- Capturas de tela da ação Ritos de Aproximação, 2020. Fonte: *Facebook* do projeto Cuidado Mulheres Trabalhando.

As dinâmicas desenvolvidas neste processo, entretanto, conservam inúmeras especificidades em relação a proposta atual, uma vez que já vem sendo constituídas há três anos, a partir da itinerância de um dispositivo movente: placa física ou arte digital desta placa, na qual, imprime-se o enunciado que dá nome a ação, plasmando assim, um convite direto de relação, com a mesma. Cabe dizer, que ao tomar como referência as poéticas destas práticas, não pretendemos, necessariamente, reproduzi-las, mas traçar algumas convergências que contribuam com a elaboração de intervenções, que considerando os caminhos outrora percorridos, tenham em vista, às singularidades da investigação atual.

Dito isso, procuramos também traçar alguns aspectos que nos sirvam de referência mais pontual, para a compreensão das convergências entre os processos, dos quais estamos discorrendo. Conexão esta, que encontramos nos apontamentos

de W. J. T. Mitchell, e em suas considerações sobre Cultura Visual e as estratégias de *Showing Seeing*[5]:

> A Cultura Visual começa em uma área abaixo do anúncio dessas disciplinas de domínio do não-artístico, não-estética e de imagens e experiências mediadas ou imediatas. Dispõe de um campo maior do que eu chamaria de visualidade vernacular ou visto todos os dias entre parênteses por disciplinas abordadas pelas artes visuais e pela comunicação social. Como a filosofia ordinária da linguagem e teoria dos atos de fala, ele olha para as coisas estranhas que fazemos enquanto olhamos, contemplamos, mostramos, exibindo-nos e escondendo-nos, dissimulando e recusando-se a olhar. Em particular, nos ajuda a ver que mesmo algo tão amplo como a imagem não esgota o campo da visualidade; que os estudos visuais não são a mesma coisa que estudos da imagem, e que o estudo da imagem visual é apenas um componente de uma campo maior.(...) o exercício do *Showing seeing* demonstra é que a visualidade, não apenas a construção social da visão, mas a construção visual do social, é um problema em si abordado, mas nunca completamente envolvido pelas disciplinas tradicionais de estética e história da arte, ou mesmo por novas disciplinas de estudos de mídia. Ou seja, estudos visuais não é uma mera indisciplina, ou complemento perigoso para a tradicional visão orientada de outras disciplinas, mas uma interdisciplina que baseia-se em seus próprios recursos e de outras disciplinas, para a construção de um novo objeto de investigação. Cultura Visual é, portanto, um domínio específico de investigação, cujos princípios fundamentais e problemas estão sendo articulados recentemente em nossos tempos. (MITCHELL, 2011, p. 256-257).

Nesta direção, lançamos possíveis sustentações poético-metodológicas para o aprofundamento dos entendimentos destes “atos de mostrar e ver” ou simplesmente, mostrar vendo. Alicerçando a partir destas, perspectivas de agenciamento das visualidades produzidas por parte das pessoas participantes, um convite que lhes proponha olhar e mostrar, por meio de diferentes registros: fotografias, vídeos, textos, desenhos, dentre outros, possíveis contágios poéticos visuais variados. Tencionando não delimitar para estes olhares que serão produzidos, a definição de parâmetros estéticos a serem utilizados ou enquadramentos específicos.

[5] *Showing Seeing ou Mostrando vendo*, é uma estratégia pedagógica nomeada pelo autor do artigo. A tradução optou por manter seu nome original, visto que se trata do título de uma metodologia cunhada por ele.

Da elaboração em curso: *#ContágiosPoéticosDocentes*

Até agora, ao elaborarmos uma escrita, que trouxesse pistas conceituais e demonstrasse alguns dos caminhos percorridos, recorrentemente levantamos questões relacionadas aos possíveis contágios que movem as proposições desta pesquisa. No entanto, algo que nos instiga é abrir espaços de encontro, para investigar e conectar a contágios desconhecidos, que possivelmente nos serão trazidos pelas/os docentes participantes, a partir de suas demandas pandêmicas cotidianas. É com este objetivo, que temos delineado o planejamento das ações que serão realizadas nos encontros virtuais.

A princípio estas serão realizadas em etapas, através de um encontro aberto, no formato *live*, que ficará disponível online na plataforma do *Youtube* e também em encontros via *Google-meet*, que não ficarão gravados, oferecidos a número restrito de participantes. Ambas as proposições, terão inscrições prévias, enfatizando seu direcionamento a docentes da Educação Básica, com emissão de certificados digitais. Tendo como parte de seus exercícios, a produção de registros visuais em rede para composição de imagens diversas: fotografias, vídeos, desenhos e textos, que tenham como substrato, as reverberações suscitadas pela docência pandêmica. Como parte do processo de compartilhamento destes registros, as/os participantes serão convidados a postá-los em suas redes sociais, com a *hashtag* da pesquisa: *#ContágiosPoéticosDocentes*, através da qual, os materiais produzidos poderão ser sincronizados em um mesmo lugar para sua visualização, ainda que vindos de "territórios" diferentes. Estes registros também serão compartilhados e/ou repostados no *Instagram* do projeto, marcando as pessoas autoras.

Para se chegar a esta etapa, no entanto, serão propostos, que ao longo dos encontros virtuais, experimentemos exercícios que busquem conexão com jogos teatrais, apreciação e leitura de imagens. Tencionando neste sentido, conectar a imagens, preferencialmente produzidas por docentes, no contexto da pandemia.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; DA SILVA, Mariana Silva. Pesquisa pandêmica: elaborando contágios poéticos para corpos docentes, no ciberespaço. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-14, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Com intuito de potencializar esta ação, temos colhido registros de educadoras/educadores da Educação Básica, através de uma estratégia elaborada a partir do *Whatsapp*, na qual uma pergunta foi lançada como dispositivo para o envio destes registros. A pergunta é a seguinte: "Se você pudesse compor em uma imagem, o que foi trabalhar no ambiente doméstico como docente, no contexto da pandemia, que imagem seria essa?"



Figura 3- Colagem de Contágios enviados por docentes, 2021. Fonte: acervo das pessoas autoras.

Direcionadas a profissionais que desconhecem o processo de pesquisa atual, este dispositivo/pergunta teve em suas primeiras respostas, registros que trouxeram além de um relato poético textual, duas imagens. Estas, embora não tenham sido produzidas pelas educadoras que as partilharam, foram apropriadas pelas mesmas, como parte do que também pode ser configurado como as tais estratégias, que aqui, conceituamos como “Mostrar ao Ver”.

Ainda em processo de captação destas imagens, percebemos a importância de traçar estas teias de olhares, a partir da docência pandêmica como um caminho profícuo, cujo desenvolvimento das etapas seguintes, se constituirá através destes

diferentes contágios, plasmados nas possibilidades que os encontros provocarão. Dar os passos seguintes, para a realização das oficinas e práticas aqui mencionadas, é um percurso que ainda estamos em vias de percorrer.

Dos começos até possíveis fins: *#ContágiosPoéticosDocentes*

Consideramos que, embora estejamos em processo de desenvolvimento para realização das práticas aqui apresentadas, enquanto Contágios Poéticos, as mesmas venham a nos possibilitar a oportunidade de criar/investigar culturas visuais em rede, que tomando por base as perspectivas de docentes, em seus atravessamentos pandêmicos, lhes proponham o agenciamento dessas visualidades. E que destas intervenções possam surgir outros desdobramentos, ainda não elaborados dentro da investigação atual; novos contágios teórico-práticos, a partir destes encontros e contatos; bem como, possíveis estratégias de criação que tenham nas redes, suporte para o agenciamento de culturas visuais diversas, potencializando seu uso, enquanto ferramenta para processos de pesquisa em arte e educação.

Por fim, convidamos as pessoas docentes da Educação Básica, que tenham se sentido instigados pela leitura deste artigo, que nos procurem nas redes, a partir da *hashtag*: #ContágiosPoéticosDocentes. E que se assim o desejarem, participem da composição de nossas ações, participando dos encontros e proposições *online*, ou partilhando registros visuais, que tomados pelas questões que contagiaram seus cotidianos, em meio a docência pandêmica, sejam postados nas redes sociais, fazendo uso desta mesma *hashtag.*

Referências:

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra:* quando a vida é passível de luto? *Formato PDF In: Vida precária, vida passível de luto.* São Paulo: Civilização brasileira, 2015.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa:* mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução:* trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2019.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2011.

MITCHELL, W.J.T. *Showing Seeing:* Uma crítica da cultura visual. SC: UDESC, Artes Visuais.Tradução de Luciana Marcelino. 2011.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico:* a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. RJ: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. *O pavor da carne:* riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista FAMECOS, Porto Alegre. nº 25 - dez/2004.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes:* a escola em tempos de dispersão. RJ: Contraponto, 2012.

VIANNA, Claudia Pereira. *O sexo e o gênero na docência. In:* Cadernos Pagu (17/18) 2001/02: pp.81-103.

VIANNA, Claudia Pereira. *A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.* In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p.159-180. *In* <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242 >